

A era do “kit-correspondente”: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro¹.

Maria Cleidejane Esperidião²

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

Numa sociedade cada vez mais caracterizada pela velocidade máxima, redução drástica de custos e aumento de produtividade, a chegada de novas ferramentas digitais nos modos de produção da notícia tem tido um impacto nas mídias audiovisuais, sobretudo no telejornalismo e, particularmente, no noticiário internacional. Se os satélites já haviam contribuído para alterar o contexto das comunicações a partir dos anos 70, redimensionando, assim, nossa “janela para o mundo”, a Internet agora permite que operações de transmissão de matérias sejam flexíveis, rápidas e baratas. Este artigo procura mapear tendências na cobertura internacional da televisão brasileira, particularmente da Rede Globo, a partir do surgimento de novos softwares e sistemas, como o “kit-correspondente” - equipamento para gravar e enviar reportagens pela web.

Palavras-chave

Telejornalismo; Internet; tecnologias digitais; mídias audiovisuais; kit-correspondente.

O jornalismo se desenvolveu dentro da chamada “Terceira Revolução Tecnológica”, que é marcada por uma economia de esforços e mais produtividade em todos os setores da nossa experiência cotidiana, afetando todas as formas de enxergar o mundo do ponto que conhecíamos até agora (BELL, 1989:165). A intervenção da tecnologia provocou desdobramentos radicais em vários níveis, alterando não apenas as rotinas de trabalho de determinadas categorias profissionais, mas o dia-a-dia de toda a sociedade. Na síntese de Bell, “the most crucial fact about the new technology is that it is not a separate domain

¹ Trabalho apresentado ao NP de Comunicação Audiovisual, do VII Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Católica de Pernambuco, Mestre em Estudos do Jornalismo pela Cardiff School of Journalism, Media & Cultural Studies, pós-graduada em História Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco; pós-graduada em Produção e Direção de Documentário pela Royal Holloway University of London. Atualmente é Doutoranda do PósCom da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: mariacleidejane@hotmail.com

(such as the label high-tech implies), but a set of changes that pervade all aspects of society and reorganize all older relationships” (ibidem, p.166).

Um outro traço constitutivo da revolução tecnológica que assistimos é a aplicação imediata das tecnologias, quando comparada a outros antecedentes históricos (o surgimento do vapor, da eletricidade, das redes ferroviárias). As novas tecnologias de informação difundidas entre os anos 70 e 90 representam não apenas uma linha divisória na evolução do capitalismo (CASTELLS, 2005:137), numa clara descentralização organizacional, mas, sobretudo, “a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”. (ibidem, p.69).

Um terceiro aspecto dentro desse contexto é que a transição de uma tecnologia para a outra se dá num prazo de intervalo cada vez menor, resultado do ritmo acelerado da contemporaneidade (CARITÁ, 1987:338). Assim, cada inovação já chega ao mercado – altamente competitivo – defasada, obedecendo a um ciclo de vida semelhante ao biológico: nascimento, penetração, crescimento, maturação, resistência, adaptação, convergência e obsolência³.

As contribuições de David Harvey (1993) também nos convidam a refletir sobre outro componente que se sobressai na dinâmica da revolução tecnológica: a compressão do tempo. Tudo hoje acontece de maneira mais veloz: exige-se uma reação imediata para o desempenho de uma tarefa num tempo cada vez menor. Como enfatiza um dos mais importantes pesquisadores da comunicação e globalização, Armand Mattelart, “a chamada revolução da informação contemporânea faz de todos os habitantes do planeta candidatos a mais numa versão da modernização. O mundo é distribuído entre lentos e rápidos” (MATTELART, 2002:173).

Para o jornalista norte-americano James Gleick, gesta-se, a cada dia, uma demanda por produtos/sistemas que reduzam ainda mais o tempo dedicado a manuseá-los: “atingimos a época do nanosegundo. É o máximo de velocidade... Essa é a nossa

³ Não é o foco deste trabalho acompanhar a trajetória das novas mídias e sua relação com as antigas mídias, mas ressaltar a importante contribuição dos pesquisadores israelenses Sam Lehman-Wilzig e Nava Cohen-Avigador em *The natural life cycle of new media evolution*. New Media & Society, vol (6) 707-730, 2004.

condição, o ápice de milênios de evolução das sociedades humanas, tecnologias e hábitos mentais”. (GLEIK, 2000:13).

Mattelart alerta que essa “obsessão produtivista” é resultado de outros processos em andamento há muito tempo, desde que o taylorismo e o fordismo criaram o novo industrialismo, caracterizado pelo “o homem-medida submetido a cadências desenfreadas” (op.cit., p.47). O jornalismo foi um dos campos mais afetados por essas demandas “hipertaylorizadas de trabalho” baseadas em alta tecnologia, e duramente criticadas pelo professor *Ciro Marcondes Filho*:

“As redações de jornais adotam, coerentemente com a alta velocidade de circulação de informações de todo o sistema, processos hipertaylorizados de utilização de mão-de-obra jornalística. De alguma forma, o homem ou o homem-máquina tem de trabalhar à velocidade do próprio sistema. Isso significa que o bom jornalista hoje é aquele capaz de dar conta das exigências do tempo, produzindo textos jornalísticos razoáveis e com uma grande maleabilidade redacional ou editorial. Ele deve ser uma peça que funciona bem, acoplável a qualquer sistema de produção de informações. (MARCONDES FILHO, 1993:108-109).

Da geração por satélite ao clip net

Não há dúvidas de que as novas tecnologias alteraram as rotinas de produção e edição nas redações das emissoras brasileiras e que o uso de recursos de última geração mudou radicalmente os hábitos e as práticas dos jornalistas pelo mundo. Como já identificou *Squirra* 15 anos atrás,

the usage of updated electronic discoveries lead to a greater and more intense journalist coverage of the events happening on the globe. This has enabled the audience to become more aware, interested and satisfied on what happening in their district, city, country, and the rest of the planet. (SQUIRRA, 1992:243)

Mas antes mesmo de relatar as novas tecnologias digitais incorporadas ao jornalismo, se faz necessário lembrar do embrião de toda essa revolução: o nascimento de consórcios de telecomunicações internacionais via satélite, como o *Intelsat* e o *Inmarsat*, que permitiram a difusão de imagens pelo mundo. A adoção de satélites começou, para *Ethevaldo Siqueira* (2004), em 1964, com o satélite *Syncom 3*, que transmitiu os Jogos Olímpicos de Tóquio para os Estados Unidos e Europa. O pesquisador italiano *Enrico*

Caritá (op.cit., p.325) prefere, no entanto, simbolizar o início das transmissões mundiais quatro anos depois, com as Olimpíadas do México.

O satélite de comunicações, a partir de 1960, foi o aparato tecnológico que deu impulso ao processo de transnacionalização dos conteúdos informativos culturais. Nesse campo, a televisão teve o papel de impulsionar os investimentos por conta do grande interesse da área para utilização dessa tecnologia de alcance global. Os satélites artificiais, do Sputnik soviético e Early Bird norte-americano ao sistema Intelsat, têm se constituído nos instrumentos fundamentais para a globalização e do conteúdo produzido pela televisão. (ARONCHI DE SOUZA, 2005:73).

Aproveitando as novas e infinitas possibilidades dos satélites, a Rede Globo, a maior emissora comercial do país, resolveu investir em bases no exterior, tanto porque dispunha dos melhores equipamentos como também enxergava na cobertura internacional a possibilidade de exercer um jornalismo sem o monitoramento da censura, que imperava no país sob o regime militar. O primeiro correspondente, Helio Costa, foi oficialmente contratado em 1973, assumindo o comando do escritório de Nova York, que no fim desta mesma década chegou a ter 30 funcionários (MEMÓRIA GLOBO, 2004:43). A expansão tornou-se, principalmente, uma estratégia de marketing frente à pequena concorrência que começava a se movimentar. Manter correspondentes “humanizava, complementava a cobertura das agências e aproximava cenários distantes da visão brasileira do mundo” (op.cit., p.42).⁴

Anteriormente à abertura dos escritórios no exterior, a TV Globo recebia imagens de outros países por meio de um *pool*, o Sin (Sistema Ibero-Americano de Notícias). Todos os dias, a agência Eurovision enviava, de Londres, por meio do satélite, cerca de dez minutos de material da Europa, Oriente Médio, e países ibero-americanos (ibidem).

Todas as manhãs uma conferência telefônica, com os países integrantes do pool, elaborava a pauta do dia. A matéria, para ser aceita no satélite, precisava do voto de, no mínimo, três países. Nessa época, de franquismo na Espanha, salazarismo em Portugal e regimes militares na América Latina, os critérios para a escolha das matérias eram, muitas vezes, alheios aos interesses jornalísticos. O problema só foi

⁴ A necessidade de ter uma equipe de repórteres fora do Brasil não é meramente um discurso corporativo. Todos os profissionais que já deixaram suas experiências registradas em livros, como Hermano Henning, Pedro Bial, Sílio Bocanera, Carlos Dorneles, João Batista Natali, Lucas Mendes, José Arbex Jr, Leão Serva e William Waack reforçam a necessidade de oferecer uma perspectiva brasileira ao pensamento hegemônico. Sobre este recorte é interessante conferir o trabalho de BRITTO, D.F.. *O papel do correspondente internacional na editoria exterior*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM. Nele, repórteres comentam as dificuldades em apresentar relatos diferenciados dos conteúdos produzidos pelas grandes agências internacionais.

resolvido em 1973, com a assinatura de um contrato com a agência de notícias United Press International, que passou a enviar diariamente, do mundo inteiro e via satélite, imagens para o Jornal Nacional. Até então o material da UPI seguia de avião e chegava muito defasado, algumas vezes com até três dias de atraso. (ibidem, p.43).

A exemplo de todas as emissoras do mundo, contratar agências como a UPI viabilizou a abertura de “sucursais” no exterior. Dez anos depois dos primeiros investimentos, a Globo já tinha seis bases fora do Brasil, nos Estados Unidos (Nova York, Washington), Europa (Londres, Paris, Alemanha) e na América Latina (Buenos Aires) (ibidem, p.136).

Vinte anos mais tarde, a empresa desativou-as, por causa dos altos custos de manutenção dos correspondentes, ao ponto de, no início do século 21, a cobertura se resumiu a dois escritórios (Londres e Nova York), com metade da infra-estrutura de pessoal. Os canais de televisão privados concorrentes seguiram o mesmo caminho, tendência que se estendeu ao jornalismo impresso, como contam Dines (1987) e Natali (2004). Como não é objeto deste artigo discutir as implicações políticas e econômicas da cobertura internacional durante e depois da ditadura militar⁵ no Brasil, concentro-me a detalhar agora como foram os processos de transição entre as transmissões de reportagens via satélites para a Internet.

Como pontua Squirra em artigo disponível na Internet, “no afinilamento dos equipamentos digitais, o máximo que se quer é obter o máximo da gama de ofertas comunicacionais, com o máximo de liberdade individual, com o mínimo de esforço e custo”. Cinco anos depois da Internet comercial se consolidar nos termos que conhecemos hoje, a Rede Globo esboçou as premissas que marcariam a logística de sua cobertura internacional: agilidade, desburocratização e dramática redução de custos.

Até o ano 2000, todas as reportagens enviadas para o Brasil eram transmitidas via satélite. Na prática, cada correspondente tinha que “gerar” o material usando um canal de satélite, em horário fixo GMT, tempo universal do observatório de Greenwich, em Londres (BOCCANERA, 1997:29). As matérias chegavam prontas (editadas) para

⁵ Para uma análise mais aprofundada sobre a quantidade e a tipificação do noticiário internacional da Rede Globo entre os anos de chumbo e abertura política, veja ESPERIDIÃO, Maria, *Foreign News Reporting in Brazil: a case-study of TV Globo*, Reino Unido, Cardiff University, 1997. O estudo mostra que em uma década, entre 1987 e 1997, o Jornal Nacional diminuiu o tempo dedicado aos fatos internacionais, como caiu também o número de reportagens feitas pelos correspondentes.

exibição ou ainda tinham que ser “cobertas” por imagens providas pelas agências com as quais a emissora tinha direito de reprodução (Eurovision, APTN e Reuters). Quando estavam viajando, os correspondentes eram obrigados a acertar previamente como seria enviado o material, desencadeando operações extremamente burocráticas e caras. Era necessário, por exemplo, contratar os serviços de uma emissora de televisão local para utilizar ilhas de edição e recursos de geração. Ainda que a reportagem fosse transmitida com imagens brutas, para ser editada no Brasil, era preciso gerar o mínimo de imagens para não sobrecarregar os dez minutos de satélite. Não era, aliás, um problema específico do telejornalismo brasileiro. Na Guerra do Golfo, por causa do fuso-horário, correspondentes americanos passavam a madrugada viajando até os grandes centros do Iraque para tentar enviar pelo menos dez por cento do material filmado a tempo de cumprir o deadline do satélite (FIALKA, 1991:37).

A primeira novidade do jornalismo internacional da Globo veio com a Guerra do Golfo, em 1991, quando os repórteres no exterior apareceram no vídeo conversando ao vivo com apresentadores no estúdio no Brasil (MEMÓRIA GLOBO, op.cit., p.242). Era uma inovação já aplicada pela rede de tv a cabo americana CNN, que se firmou no gênero *all news* depois de cobrir o conflito (ARONCHI DE SOUZA, op.cit.). A adoção é também reflexo da influência que o telejornalismo norte-americano teve no Brasil, não apenas copiando formatos de exibição, mas, principalmente, empregando tecnologias de ponta para diferenciar-se das empresas concorrentes (SQUIRRA, 2001:59).

Uma década depois da crise do Oriente Médio, a Globo experimentou novas formas de transmissão de reportagens, desenvolvendo o “kit-correspondente”, um sistema de transmissão de material jornalístico digital multimídia por rede, no formato conhecido como Store & Forward. A concepção deste programa permite que conteúdo jornalístico pré-gravado e editado seja enviado a qualquer momento de qualquer local do mundo, através de qualquer meio de transmissão de dados disponível. Isto inclui modem ou satélite. Todo o material transmitido é recebido em um servidor da emissora no Rio de Janeiro ou São Paulo.

O “kit” é dividido em duas partes: a maleta com o notebook e a caixa com a câmera. Cada correspondente recebe um treinamento de três a quatro dias para operá-lo, em muitos casos sozinho, sem o cinegrafista. O sistema de transmissão de dados é feito por um software desenvolvido pelos engenheiros da empresa, o Clip Net. Com ele, o correspondente pode gravar seu áudio (“voz”, “off⁶”) e enviar pela Internet. Um áudio de um minuto, por exemplo, leva em média cinco minutos para chegar ao servidor da emissora, a depender, claro, da qualidade da conexão via Internet. Se o correspondente enviar imagens, a transmissão será mais lenta e o tempo de *download* dos arquivos pode demorar vinte minutos. Ainda com essas dificuldades foi possível, pela primeira vez, desmontar o esquemático horário dos satélites e “desbloquear” os *deadlines*, tornando viável cobrir um acontecimento em qualquer lugar, em qualquer front de Guerra, como relata o jornalista Marcos Losekann:

Passamos a usar o Clip Net em 2001, logo após os ataques às torres gêmeas, em Nova York. A reação americana (guerra no Afeganistão) levou uma equipe ao país vizinho, o Paquistão. De lá as notícias sobre a guerra já eram enviadas via Clip Net. A partir daí comecei a usar o Clip Net juntamente com meus colegas do escritório de Londres em coberturas de viagens presidenciais: em Portugal, na Alemanha, aqui mesmo, na Inglaterra. Essas coberturas foram feitas com o Clip Net e mostraram-se extremamente rápidas. Enfim, começávamos a “competir” com a instantaneidade do rádio e das agências de notícia. Meu “debut” particular com o Clip Net viria logo depois, em 2004, quando fui convidado para assumir o cargo de correspondente no Oriente Médio. Mas, Clip Net significa Internet, boa conexão, alta velocidade... E Israel, embora seja um país tecnologicamente avançado, ainda sofria a falta de um sistema avançado, à altura desse novo sistema. Então essas foram as dificuldades iniciais: conectar-se com a rede e transmitir os dados, principalmente de dentro dos territórios palestinos (onde as conexões ainda são “à manivela”). Com o tempo, aprendi a lidar com esse tipo de dificuldade, fazendo gerações, via Clip Net, com conexões discadas (via telefone), à velocidade sofrível. Às vezes dava mais sorte e podia contar com conexões mais rápidas. Fora isso, a dificuldade maior - principalmente no começo, quando ainda não estava acostumado - era a filmagem do próprio material (fazia parte desse projeto a atuação do repórter como cinegrafista também). Eu costumava gravar tudo e depois, no final, eu posicionava a câmera, sobre o tripé, e parava diante da lente para gravar a passagem. Também agia assim nas entrevistas, posicionando diante da câmera o entrevistado e depois de regular o foco, fazer a entrevista. Aprendi rápido e logo estava tirando de letra. Também era parte da função editar as matérias no computador do chamado “Kit correspondente” (LOSEKANN, 2007).

Atualmente, para enviar reportagens por satélite fora de sua “base” – isto é, fora do escritório da emissora onde os horários de satélites já estão previamente programados em horas fixas e os custos pelo uso do sinal da Embratel são pagos anualmente -, o

⁶ Jargão televisivo para designar o texto do repórter (*voice-over*) que é lido por ele sobre imagens conjugadas sem que ele, o repórter, apareça no vídeo (REZENDE, 2000:149).

correspondente continua tendo que se deslocar a um ponto seguro de geração, normalmente em outra emissora de televisão. Os custos variam de país a país, mas a média chega a mil dólares pela compra de 10 minutos de satélite⁷. Na guerra Israel-Hezbollah, em 2006, o repórter Marcos Losekann enviou 135 reportagens para todos os telejornais da Rede Globo. Se tivesse que pagar pelo uso do satélite, a Globo teria gastado no mínimo 135 mil dólares só com as operações de transmissão. Utilizando o Clip Net, este custo não chegou a 10 mil dólares – incluídas aí despesas com deslocamentos e produção⁸. Para Marcos Losekann, além de ganhar agilidade, ao desvincular-se dos mecanismos oficiais de transmissão, o correspondente adquiriu mais visibilidade e participação em todos os telejornais da emissora, garantindo a presença do repórter, do “olho” brasileiro diante dos acontecimentos complexos internacionais:

Nos tempos do satélite era comum apenas o Jornal Nacional exibir matérias completas, de repórter, pois havia satélite destinado apenas a atender o JN. Sabe aqueles grandes correspondentes dos quais todos nós lembramos? Pois eles faziam isso, apenas uma reportagem por dia para o JN (horário Nobre) e os demais telejornais quando recebiam algo, eram apenas *áudio-tapes* ou simplesmente se viam obrigados a cobrir os fatos com notas cobertas baseadas em imagens e informações de agências de notícia. Com o Clip Net, passamos a fornecer matérias para todos os telejornais. Imagina fechar, com texto diferente, com dados novos, com sacadas novas, até 6 (matérias) por dia. Com o Clip Net foi possível fazer no Oriente Médio a estupenda quantidade de 740 matérias, um volume enorme se considerarmos que o período foi de apenas 2 anos e 7 meses (ibidem.)

O ex-correspondente William Waack⁹ nos apresenta outro desdobramento com a ruptura dos *deadlines*: agora, cada jornal “se dá ao luxo” de contar com uma perspectiva diferente, uma abordagem distinta para o seu público, e pode avançar na cobertura:

Algo o que acontece às dez da noite, hora local em Buenos Aires, como Maradona sendo internado, você assiste duas horas depois no Jornal da Globo, com imagens exclusivas. Talvez, se tivéssemos que esperar pelas agências, cuja prioridade não é a América Latina, só teríamos essa imagem na manhã seguinte.

⁷ Não estão aí incluídas taxas cobradas pelas emissoras para uso de equipamentos. Por exemplo, se um correspondente japonês deseja enviar, do Brasil, uma reportagem editada para Tóquio, vai gastar em média de 500 a 600 dólares por usar infra-estrutura das emissoras brasileiras.

⁸ A empresa americana Telestream, que desenvolveu o ClipMail Pro systems, garante que o custo do equipamento vendido a partir de 1999 é, no mínimo, de 30% a 50% menor ao equipamento de captação e transmissão tradicionais. Na sua página da Internet, garante que o investimento na compra do sistema é recuperado em menos de um ano.

⁹ Em depoimento pessoal ao autor deste artigo, em Maio de 2007.

Com o “kit-correspondente”, a Globo redimensionou sua cobertura, descentralizando os escritórios. Hoje, tem repórteres em Nova York, Washington, Londres, Paris, Roma, Jerusalém, Pequim e novamente em Buenos Aires. A mesma tendência se repete nas empresas concorrentes que, no fim dos anos 90, tinham resumido sua cobertura a *notas cobertas* - ou seja, a textos escritos na redação do Brasil pelos editores, a partir das informações e imagens enviadas pelas agências internacionais e lidos pelo apresentador do telejornal (SQUIRRA,1989:71). Hoje a Record tem 4 correspondentes, a Bandeirantes 5, e o SBT entre 5 e 8¹⁰ (a maioria contratado como free-lancers). Mais de 80% de todo o material enviado pelos repórteres dessas emissoras chegam pela Internet, por meio de programas semelhantes ao Clip Net, como o *Snap Feed* ou *Clip Mail*.

Somente matérias especiais são enviadas por satélite, já que a grande desvantagem das transmissões via modem é a qualidade da imagem – bem inferior a do satélite. A remessa por banda larga eliminou a burocracia dos procedimentos do sistema convencional, mas comprometeu a qualidade técnica das reportagens. Na mídia digital – ao contrário da analógica - é possível copiar sem limites imagens e áudio, sem sofrer degradação (MANOVICH, 2001:49), mas a imagem pela Internet fica deteriorada por causa dos inúmeros processos de codificação do arquivo, demandando compressão e expansão da imagem até que a mesma seja ajustada ao tamanho do vídeo. Frequentemente isso provoca pouca sincronia entre áudio e vídeo e pouca resolução na imagem, inclusive implicando na perda na sequência de quadros.

A defasagem, inclusive, já foi objeto de crítica de alguns pesquisadores (KOFF e SGORLA, 2004), que se debruçaram sobre o uso do videofone pela Rede Globo, durante a cobertura da invasão americana ao Iraque, em 2003. O videofone, criado por uma empresa britânica, é um kit–correspondente ainda mais sofisticado com capacidade de transmitir ao vivo, e que, além do laptop e câmeras, possui antenas dobráveis e um telefone via satélite, montado em áreas ao livre ou fechadas em menos de meia hora. Para

¹⁰ Informações cedidas pelos editores internacionais dos principais telejornais das empresas citadas:: SBT Brasil, Jornal da Band e Jornal da Record (entrevistas realizadas por telefone, em abril de 2007).

Antônio Brasil, com a nova tecnologia, foi dado um passo importante à democratização do noticiário internacional da televisão:

O que estava restrito aos videojornalistas, aqueles “guerrilheiros” solitários em busca de notícias para a tv, com suas câmeras digitais e furo por fatos inusitados, agora explode com as possibilidades de produção e transmissão de matérias para TV via Internet. Rápido, simples, com baixo custo e longe da censura...A CNN Internacional conseguiu “furar” as demais agências internacionais graças a essa tecnologia revolucionária na cobertura da libertação dos militares americanos presos num verdadeiro “fim de mundo” em Hainan, na China...Imagens exclusivas foram geradas 25 minutos antes de qualquer competidor, por uma pequena equipe local que utilizava o videofone. As grandes agências perderam o “furo” apesar de suas sofisticadíssimas e caríssimas unidades móveis via satélite, estacionadas em locais estratégicos e autorizadas pelas autoridades locais, todas aguardando para gerar as primeiras imagens com “maior qualidade” de transmissão...É claro que a qualidade das imagens do videofone não é a mesma dos sistemas tradicionais, mas a agilidade ao ilustrar uma notícia internacional continua sendo uma questão prioritária.(BRASIL, 2002, p.19-20).

Problemas na cobertura

Reivindicar uma cobertura internacional mais democrática é, aliás, retomar um debate de pelo menos quatro décadas: a ausência de democracia na informação distribuída pelo mundo provoca a invisibilidade de certos assuntos e nações, constituindo um noticiário assimétrico e desequilibrado. Nossa intenção agora é ressaltar que as pautas transfronteiriças são construídas e selecionadas dentro de um contexto político-econômico-cultural, que obedece a lógica do capitalismo e seus desdobramentos.

Há um consenso geral entre as pesquisas empíricas feitas sobre o fluxo internacional de notícias de que a cobertura internacional é apenas mais uma extensão do imperialismo nos meios de comunicação de massa. A dieta publicada no cardápio das editoriais internacionais é “rala”, calcada no “horror” e desequilibrada em vários níveis. Periódicos e telejornais dos países desenvolvidos dão ênfase a dramáticos e bizarros eventos e fornecem uma inadequada e superficial atenção à realidade dos países terceiro-mundistas ou em desenvolvimento (ROSENBLUM, 1981:223).

Por outro lado, as nações do chamado “eixo-sul” (em desenvolvimento e pobres), - que poderiam oferecer um outro paradigma de seleção e publicação de material - vêm mantendo padrões e critérios similares de noticiabilidade. No caso da América Latina,

argumenta o antropólogo Roberto da Matta, (MATTA, 1980:39) - onde os conglomerados de mídia fizeram a notícia circular como mercadoria da ordem econômica globalizada, essas matizes são ainda mais assustadores¹¹. Deste lado do globo, os veículos independentes não têm força frente à avassaladora hegemonia das empresas estritamente comerciais.

A principal constatação do noticiário internacional reside num aspecto consensual: no mundo globalizado, onde a tecnologia permitiria um maior contato com vários países e encurtaria distâncias, a invisibilidade de nações continua. Adams (1982) afirma que a cobertura piorou na mesma proporção em que cada vez mais pessoas dependem da televisão e do jornal para entender o que se passa no mundo. Ainda que a Internet tenha criado um novo cenário midiático, ainda temos uma massa de excluídos que não consegue obter informações por meio de fontes alternativas. Segundo relatório publicado pela Unesco em 2005, somente 11% da população mundial têm acesso à Internet e 90% das pessoas que podem se conectar vivem nos países industrializados (UNESCO: 2005: 17).

O fluxo internacional de informações dominou o debate dos campos acadêmicos, principalmente na década de 70, guiado por autores como Herbert Schiller e Cees Hamelink, entre outros. Eles estabeleceram a estrutura desse fluxo, apontando-o como uma extensão do novo colonialismo norte-americano ao mundo das comunicações, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Seus principais argumentos são o “perfil” capitalista (“comercial”) da mídia convencional e o próprio processo de fabricação (produção) da notícia pelas agências internacionais de notícia.

Quase toda a informação disseminada na mídia sobre outros países é filtrada e distribuída pelo cartel de agências européias e americanas – UPI, France Press (AFP), Reuters e Associated Press (AP)¹². Juntas, argumenta Hamelink (1995), elas controlam mais de 80% das notícias coletadas, publicadas e exibidas para três bilhões de pessoas

¹¹ No Brasil, um dos mais completos estudos foi desenvolvido por Gláucio Ary Dilllon Soares, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Durante três anos, foram lidas e coletadas mais de três mil notícias sobre a América Latina, entre os anos de 1990 e 1994 de três jornais brasileiros - Correio Brasiliense, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo. “A análise de notícias confirmou uma tendência bastante discutida tanto na sociedade como no meio acadêmico, qual seja, dar preferência a fatos de teor negativo, como catástrofes, crises financeiras, terrorismo”. Veja o texto completo no site: <http://www.scielo.br/pdf/op/v10n1/20315.pdf>

¹² A Reuters foi comprada em Maio de 2007 pelo gigante grupo editorial canadense Thomson. A espanhola Efe já figura entre as cinco maiores do mundo.

(ibidem., p.299)¹³. Na prática, apenas três países alimentam editorias internacionais do globo. “O resultado desse livre fluxo é que o olhar das agências noticiosas sempre foi o mesmo”. (ARONCHI DE ZOUZA op.cit., p.55).

O fluxo livre e desigual acabou reforçando, ainda mais, as desigualdades entre os eixos Norte e Sul. Enquanto os países ricos produzem e consomem informação, as nações pobres dependem cada vez mais dos países ricos em se tratando de tecnologia e acesso à informação. A esse respeito, Ragnar Levi constata:

Um número limitado de empresas de comunicação controla os fluxos transcontinentais de notícias. Essas companhias estão basicamente sediadas nos Estados Unidos, no Canadá, Reino Unido, na França, Alemanha, Itália e no Japão, países em que vive menos de 10% da população mundial. Apenas três das maiores agências são verdadeiramente globais: Reuters, AP e AFP. Nas últimas décadas, agências de notícias televisivas surgiram, inclusive a Visnews (com acionistas como a Reuters e a BBC), WTN (alinhando-se com a NBC e a ABC), CBS e CNN. A oligopolização é ainda mais acentuada pela integração vertical e horizontal, e por fusões e conglomerados” (Apud ARONCHI DE SOUZA, ibidem.)

Um antecedente histórico importante nesse debate é a publicação do livro *Many Voices, One World*, que a Unesco lançou em 1980 (REEVES, 1993:101). Entusiasmados com o resultado das investigações sobre recursos tecnológicos e educacionais dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, os pesquisadores da MacBride Comissão recomendaram uma urgente descentralização do processo de captação e produção de notícias. Entre as propostas da Nova Ordem de Informações, estava a criação – por meio de incentivo financeiro dos países desenvolvidos – de agências alternativas de notícias, para quebrar a hegemonia das agências transnacionais. A justificativa era clara: o eixo sul só sabia sobre acontecimentos de sua própria região por meio de escritórios de notícias instalados no epicentro do eixo norte, ou seja, em Londres e Nova Iorque. Reeves critica essa prática dizendo que o Terceiro Mundo sempre foi relegado no noticiário. Quando aparece no telejornal ou no despacho das agências, os países subdesenvolvidos são associados ao terror, ao tribalismo, à fome, à guerra. Além de escolher o que é

¹³ A Efe é hoje a quinta maior agência em volume de despachos. Veja também os estudos de Harris e Richard, J e Anderson (1981), em *Crisis in International News, USA*, Columbia University Press, 2001.

“excepcional” e “grotesco”, esses correspondentes (jornalistas) trabalham para corporações cujos interesses estão ligados aos governos e empresas onde as agências estão localizadas. Apesar de o Brasil, a China, e alguns países do Oriente Médio e da Índia terem ampliado seus fluxos comunicacionais, a recomendação da Unesco, segundo Reeves, tornou-se uma retórica apenas bem-recebida pela esquerda teórica, esvaziada com o fim da Guerra Fria, que enterrou, de vez, o projeto de uma mídia independente, educativa e com apoio governamental – “enfim, a vitória do capitalismo sobre o socialismo” (ibidem.)

Galtung e Ruge (1970) realizaram estudo pioneiro em quatro jornais noruegueses e identificaram os problemas e as características das notícias internacionais. Suas hipóteses se tornaram clássicas e influenciam todos os outros estudos de análise de conteúdo quantitativa (na coleta e codificação), justamente por vincular diretamente o que se publica sobre um determinado país e os interesses da audiência (espectadores e leitores). Os dois puderam identificar os fatores e as condições culturais que influenciam o formato do noticiário. Eles dividiram o mundo em 160 nações, que foram encaixadas em duas vertentes/categorias: topdog (nações de elite) e underdog (subdesenvolvidos e colônias). Escolheram três “crises”/ “problemas” no Congo, em Cuba e em Chipre. A idéia era aferir como a imprensa reportou esses conflitos. Para eles, uma notícia só é escolhida como tal se obedecer a quatro critérios: Referir-se ao grupo de nações de elite; a pessoas de elite; a indivíduos especificamente; e algo negativo (p.265).

No final dos anos 70 até o início dos 90, as pesquisas estruturais de análise quantitativa de conteúdo produziram resultados semelhantes quando aplicados na televisão. Como não é proposta do artigo destacá-los e compará-los, citamos apenas o estudo minucioso publicado por Al Hester, em 1978. Depois de se debruçar, durante cinco anos, na análise de três principais telejornais noturnos das redes ABC, CBS e NBC, o autor quantificou o tempo dedicado aos países e regiões. As menores notícias (em tempo de exibição no ar) vinham da América Latina e do Leste Europeu (3,32% do total de notícias analisadas). As maiores tratavam de temas relacionados à antiga União Soviética, França e Inglaterra. Foram apenas 10 histórias do Sri Lanka, 150 do Brasil, 4120 da Grã-Bretanha e 1460 da Áustria. A média de tempo de uma notícia internacional num espelho de um telejornal de trinta minutos era de 87,33 segundos

(1minuto27segundos). Dez anos atrás, constatamos resultados semelhantes nas notícias exibidas pelo jornal nacional e uma certa tendência em preferir assuntos mais leves a temas mais complexos¹⁴.

Freqüentemente bombardeado como “obsoleto” e “arcaizante” em tempos de “globalização” e “mercado democrático global” (MATTELART, 2005:242), o debate sobre o fluxo internacional de informações, no entanto, nunca se fez tão necessário dentro deste novo cenário tecnológico nos modos de produção de notícia. Em que medida novos equipamentos e softwares viabilizados pela Internet representam uma ruptura de modelos de conteúdo nos telejornais? Temos usado fontes diversificadas, como blogs e agências independentes?

Levantamento preliminar com base numa análise de conteúdo do Jornal Hoje exibido pela Rede Globo no ano de 2001 e 2006 indica um aumento em torno de 40% do número de reportagens internacionais produzidas pelos correspondentes, a maioria delas editada no Brasil, usando imagens fornecidas pela Reuters e Aiptn, agências com as quais a emissora compra “pacotes” do direito de uso da imagem. Nosso próximo passo será identificar se neste universo conseguimos introduzir, de fato, mudanças estruturais nos critérios de noticiabilidade, incorporando temáticas plurais, fraturando sistemas que tentam homogeneizar o planeta e reduzi-los a culturas universalizantes. Já podemos pensar numa corrosão de valores-notícia tradicionalmente solidificados ? Ou trata-se apenas de um efeito de mirada?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, A. *Television Coverage of International Affairs, USA*, Ablex Corporation, 1982

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. *Seja o primeiro a saber. A CNN e a globalização da informação*, São Paulo: Summus, 2005.

BELL, Daniel. *The third technological revolution*. Dissent, Spring 1989, p.164-176.

¹⁴ ESPERIDIÃO, Maria, *Foreign News Reporting in Brazil: a case-study of TV Globo*, Reino Unido, Cardiff University, 1997.

- BOCCANERA, Sílio. *Jogo Duplo*. São Paulo : Editora Moderna, 1997.
- BRASIL, Antônio Cláudio. *Telejornalismo, Internet e Guerrilha Tecnológica*, Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2002.
- CARITÁ, Enrico. “Já estamos no futuro”. In: GIOVANNINI, Giovanni. *Evolução na comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 283-374
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura vol 1 - A Sociedade em Rede*. 8ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- DINES, Alberto, VOGT, Carlos, MELO, José Marques de (org). *A imprensa em questão*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- FIALKA, J. *Hotel Warriors: covering the Gulf War*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991.
- GALTUNG, J. & RUGE, G. 'The Structure of Foreign News', em Tunstall, J. (ed) *Media Sociology*, USA, University of Illinois Press, 1970, p. 259-253,
- GLEIK, James. *Acelerado: a velocidade da vida moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- HAMELINK, Cees. “Information Imbalance Across the Globe” in Downing, J et al (eds) *Questioning the Media*, USA, Sage, 1990, p. 293-308
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*, São Paulo: Loyola, 1983.
- HESTER, A. *Five Years of Foreign News on US Television Evening Newscasts in Gazete* No 14, 1978, pp. 87-95
- KOFF, Rogério Ferrer e SGORLA, Fabiane. *O Jornalismo de Guerra no Jornal Nacional*. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004.
- LOSEKANN, Marcos. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Recebida pelo email: mariacleidejane@hotmail.com em maio de 2007.
- MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo Fin-de-Siècle*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.
- MATELLART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____ “Rumo a que Nova Ordem Mundial de Informação”? in TRAMONTE, Cristina etc (org) *A Comunicação na Aldeia Global – cidadãos do mundo face à explosão dos meios de comunicação*, Rio de Janeiro, Vozes, 2005. p.237-245

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*, São Paulo : Contexto, 2004.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil. Um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

REEVES, G. *Communication and the 'Third World'*, London, Routledge, 1993

ROSENBLUM, M. ‘Reporting from Third World’, em Richstad, J. e Anderson, M. (eds) *Crisis in International News*, London, Columbia University Press, 1981. pp-221-241.

SCHILLER, H. 'Genesis of the Free Flow of Information Principles', em Richstad, J em Anderson, M. (eds) *Crisis in International News*, 1981, op.cit., pp.161-183

SIQUEIRA, Ethevaldo. *2015: como viveremos*. São Paulo : Saraiva, 2004

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. *Aprender Telejornalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____ in MELO, José Marques de . “Technologies and information in Brazilian TV networks”. In: Congresso IAMCR-ECA, 1993, Guarujá/SP. *Communication for a new world*. São Paulo : ECA/USP, 1992. p. 241-252.

_____ *O telejornalismo brasileiro e a competitividade*. Revista Acadêmica da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro/RJ, p. 53-70, 2001.

_____ ¹ SQUIRRA, Sebastião. O futuro do aparelho de TV e a convergência com outras mídias, acessado em 11/04/07
<http://comtec.incubadora.fapesp.br/portal/producao-cientifica>

UNESCO. *Towards knowledge societies*. Paris, Unesco, 2005

Sites:

<http://www.telestream.net/products/clipmailpro.htm>